

A VIDA ALHEIA.
(Conto-monologo)

Não gosto de falar da vida alheia;
Ao contrario, detesto os maldizentes!
Porventura haverá cousa mais feia
Do que bater com a lingua contra os dentes
Na faina reprovavel
De dizer mal de todos e de tudo ?
Que vicio abominavel !
Tenho horror ás más linguas ! Sobretudo
Porque Mamã, que é o typo da prudencia
E que o bom senso encarna,
Affirma sempre que a maledicencia
É molestia, e que péga como sarna...

Minha vizinha da direita é forte
Na arte de dizer mal de toda a gente !...
Não conheço thesoura que mais corte,
Mau grado o seu arzinho de innocente.
Chama-se Emilia, e chamam-lhe Lilinha
Diz ter desenove annos incompletos
(Fóra tres que mamou); é bonitinha,
Mas tem-se em conta de uma formosura.
Na rua affecta uns ares mui discretos;
Em casa... o caso muda de figura...
Ah! em casa, a Lilinha
É um alho, um foguete!
E quanta cousa guarda a cabecinha
Daquelle diabrete !
É um perfeito almanaque
Da nossa rua e... da cidade inteira !
Fica a gente basbaque
A ouvil-a falar desta maneira:
(Mudando de tom e falando com mais rapidez)
Sabe ? Esta noite o Benicio,
Esse da rua do Hospicio,
Pegou fogo no armazem;
Ficou sómente o monturo !
Mas estava no Seguro....
Dizem que elle ficou bem.

O tal Dr. Sacramento
Desmanchou o casamento
Com a Philomena Moraes;
Pensou que ella tinha cobre;
Mas, sabendo que era pobre,
poz-se ao fresco... Esse é dos taes !

Que typo ! É como o Mourão,
Que vae casar com um canhão,
Que pode ser sua avó,
Mas que tem duzentos contos,
Predios em diversos pontos...
E na boca um dente só.

O Chico Neiva - um quadrado !

Foi eleito deputado...
 Pobre do nosso paiz !
 Que irá fazer no Congresso
 Aquelle cerebro espesso ?
 Nem - apoiado elle diz !

A Josephina do Almara
 'Stá quasi desenganada...
 Que creatura infeliz !
 O tal do Dr. Agrella
 Trata-a de febre amarella,
 Quando ella tem um pleuriz !
 (Natural)

E a terrivel Lilinha
 Vai por ahi e não acaba mais !
 E eu me fico a pensar qua ausencia faz
 De mim esta querida amiga minha...
 Amiga ?... Ora ! Pois não !
 Nem ha prova melhor
 Do que a negra traição
 Que ella me fez em casa do Major.

Lá estive a Lilinha
 E do inicio da festa até ao fim,
 Apanhando-me ausente,
 Estive a namorar abertamente
 Certo rapaz...que... diz gostar de mim...

Que sincera amisade
 A Lilinha me tem !
 Pratica a deslealdade
 E no outro dia vem
 Com seu sorriso mais gracioso e amavel
 "Contar-me as novidades" ! Que farçante !
 Para os outros se mostra inexoravel
 E não passa afinal de uma intrigante !

Imagino que horror
 Ella disse de mim, da minha gente,
 Da minha casa e seus frequentadores,
 Dos vivos e dos mortos finalmente !

D'agora em diante buscarei ensejos
 Para romper com ella... Não tolero
 Os seus fingidos beijos
 E os seus abraços desleaes não quero !

Quer tomar-me o Raul ? Pouco me importa,
 Pouco me importa a mim !
 Graças a Deus, eu cá não ando morta
 Para arranjar um noivo...

Ainda assim,
 (Não por amor, porque desde o momento
 Em que elle se prestou ao tal papel,
 Para sempre o varri do pensamento)
 Ainda assim, é por demais cruel

A Lilinha vencer-me
 E eu ficar para ahi - victima inerme -
 Vendo as amigas debicar-me a rir.

Não, não posso Lilinha de minh'alma !

Minha morta affeição eu vingo-a, vingo-a !

Mas o diabo é que é uma luta a lingua,
E em lingua ella de certo leva a palma...

Se eu tivesse a satanica maestria
Que a Lilinha possúe p'ra dizer mal,
De cousas ruins que immenso cabedal
A sua vida me forneceria !

A Mamãi certamente
Não tem razão quando préga:
"Olha, a maledicencia é um mal que péga !"
Si assim fosse eu 'staria bem doente...

Quero desaffrontar-me !
Quando o Raul vier jantar (domingo
Elle janta connosco) hei de vingar-me...
Oleré si me vingo !

Quando, após o jantar, pelo jardim
Nós fomos dar o costumado gyro,
Inesperadamente, como um tiro,

Falar-lhe-ei assim:
(Imitando a Lilinha)

Que tal achou a soirée
Do Major ? É escusado
Perguntar ? Já soube que
Voltou de lá encantado...

A nossa amiga Lilinha
Mil maravilhas me conta...
Pudera ! si essa amiguinha,
Dizem que esteve na ponta...

Entre boas gargalhadas,
Ella contou que um sujeito
Fez-lhe a côrte de tal geito,
Com phrases tão inflammadas,

Que toda a gente da sala
Poz-se logo a commentar
O caso, e a interrogal-a
Si ella estava pr'a casar.

Imagine a entalação
Em que se viu a Lilinha
Com essa perseguição
Na presença do Sardinha,

Que nesse mesmo momento,
Desembuchando por fim,
Lhe falou em casamento
E teve em resposta o sim !

Ella affirmou-me demais
-Talvez p'ra fazer intriga -
Que o impertinente rapaz
Namora uma sua amiga,

E que p'ra punir-lhe o vezo
De réles namorador
Mostrou-lhe o maior desprezo,
Como merece um traidor.

A Lilinha, que não sóe
Ter discríção em fartura,
Calou o nome do heróe
Desta comica aventura.

O Snr., que é perspicaz,
P'ra diplomata tem geito,
Diga: qual é o sujeito
De tal desfructe capaz ?

Não sabe ? É serio ? Que pena !
Poia eu esperava anciosa
Ver bem descripta essa scena
Por sua brilhante prosa.

Que pena ! Emtanto a Lilinha
Desde o baile até agora
Só faz rir a toda a hora
Desse rival do Sardinha.

É como essa boa amiga
Que deve ser a mulher:
Ri, namora, brinca, intriga,
E... não chega p'ra quem quer.

Apesar dos recatados
Ares que affecta - fingidos,
Tem um rol de namorados
Maior que o dos seus vestidos.

O Snr., naturalmente,
Já pertenceu a esse rol
E fez seu gyro obediente
Em torno daquelle sol ?...

Porque fica desse modo,
Sisudo como um defunto ?
Si com isso o incommodo,
Podemos mudar de assumpto.

(Natural, e movendo a cabeça)

A lição 'stá corrente,
Mas talvez muito forte...

A minha amiga vae ficar contente
Com discipula eximia desta sorte...
Sinto é verdade um peso na consciencia,
No coração um doloroso aperto...
Ai ! essa ortiga da maledicencia
Péga de galho, de semente e enxerto !

Bem dizia Mamã!... Mas, ora bolas !
Fóra as cogitações sentimentaes !
Não quero pertencer ao rol das tolas
Que se deixam vencer sem mais nem mais.

Recebi uma affronta e, é justo, vingo-a !
La disse o Christo: si com ferro feres ...
(Entre nós, as mulheres
Isso de ferro se traduz por lingua.)

E agora á casa da Lilinha vou
Com Mamãe e os dous manos.
Ella faz hoje os seus desenove annos...
(Fóra tres que mamou).

ANTONIO SALLES.

Fortaleza, 20 de Maio de 1918.